

A ESCALA PIERS-HARRIS CHILDREN'S SELF-CONCEPT SCALE: UMA VERSÃO COM REPOSTAS DE UM A SEIS

Feliciano Veiga, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, fhveiga@ie.ul.pt
Dora Domingues, Escola E.B. 2,3 Vasco Santana, Odivelas, dora_domingues@hotmail.com

Resumo: É apresentada a adaptação da Piers-Harris Children's Self-Concept Scale, uma versão com repostas de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente) da escala americana, revista e publicada em versão reduzida, PHCSCS-2 (Piers & Hertzberg, 2002) e da sua adaptação portuguesa (Veiga, 2006). São apresentadas as propriedades psicométricas desta nova versão (PHCSCS V1-6), em que os coeficientes de fidelidade encontrados se mostraram adequados. Os resultados de análises realizadas permitem continuar a falar em seis fatores — comportamento, estatuto intelectual e escolar, atributos e aparência física, ansiedade, popularidade e satisfação -felicidade —, com uma distribuição dos itens coerente com a versão PHCSCS-2. Relativamente à validade externa, considerou-se a relação entre os resultados obtidos na PHCSCS V1-6 e as pontuações noutras escalas. Os elementos apresentados mostraram-se consistentes, corroboram elementos de trabalhos anteriores e salientam, agora com maior amplitude de resposta aos itens, as qualidades da nova versão, em diferentes grupos de sujeitos, bem como a sua utilidade para a investigação e para a intervenção educacional.

Palavras-Chave: autoconceito, avaliação psicométrica, adolescência.

Introdução

Tendo como objetivo a apresentação do PHCSCS V1-6 — uma adaptação da segunda versão portuguesa do Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2) de Veiga (2006), desenvolvido originalmente por Piers e Hertzberg (2002), à escala de um (*discordo totalmente*) a seis (*concordo totalmente*) —, será abordada a importância do estudo do autoconceito e a utilização dos instrumentos Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS e PHCSCS-2) para esse fim, fundamentando-se, por essa via e pela necessidade de construção e avaliação sistemática de modelos em torno do autoconceito, a pertinência da alteração efetuada. Na metodologia, para além da caracterização da amostra e dos procedimentos, apresentam-se os resultados quanto à fidelidade e validade do PHCSCS V1-6. Posteriormente são discutidos os resultados e apresentadas as conclusões, no sentido de uma avaliação global das potencialidades do instrumento.

Relevância do estudo do autoconceito.

A investigação das últimas décadas tem elevado a importância do estudo do autoconceito na psicologia — cuja relevância tem sido determinada pela vasta relação que este construto multidimensional hierárquico (Shavelson, Hubner & Stanton, 1976) estabelece com diversas variáveis tanto internas como contextuais (Craven & Marsh, 2008; Marsh, 2006; Veiga, 2012) —, na medida em que possibilita a compreensão de como a pessoa se percebe a si-mesma, servindo também para explicar e prever a adequação sócio ambiental dos seus comportamentos (Veiga, 2012). A ampla diversidade de relações estabelecidas com outras variáveis integradas numa conceção salutogénica da saúde (Antonovsky, 1996) — nomeadamente sucesso escolar e realização académica (e.g. Guay, Marsh & Boivin, 2003; Hamachek, 1995; Marsh, 2006; Marsh & Köller, 2004), depressão, desordens alimentares, suicídio e problemas de ajustamento (Harter & Marold, 1994), prevenção do consumo precoce de álcool (Swain & Wayman, 2004), entre outras —, possibilitam a conceptualização do autoconceito como um dos mais importantes fatores que intervêm no desenvolvimento e funcionamento biopsicossocial saudável do indivíduo (e.g. Alsaker & Kroger 2006; Alsaker & Olweus, 2002; Craven & Marsh, 2008; Harter, 1998; Markus & Kunda, 1986; Veiga, 2012).

Relevância das escalas PHCSCS na avaliação do autoconceito.

A PHCSCS, desde a sua primeira versão (Piers & Harris, 1964; Piers, 1984) até à atualidade (PHCSCS-2 de Piers & Herzberg, 2002), tem sido utilizada em centenas de estudos e referida em muitos outros, principalmente no âmbito da psicologia da educação e da psicologia clínica, podendo afirmar-se que a história do estudo do autoconceito estaria muito incompleta sem a sua referência. A primeira versão revista da PHCSCS (Piers, 1984) tem sido validada em centenas de estudos, incluindo estudos comparativos de revisão de instrumentos

que ressaltam a sua abrangência etária (dos sete aos dezoito anos) e cultural, a forte estrutura fatorial e suas qualidades psicométricas, estabelecendo a sua aplicabilidade para o diagnóstico, com fim clínico ou educacional, bem como para a avaliação de programas de intervenção (Burns & Christenberry, 1990). Estas propriedades têm implicado que a PHCSCS (Piers, 1984) se mantenha atual na área da educação (e.g. Al Zyoudi, 2010; Kenny & McEachem, 2009; McCoy & Banks, 2012; Parker, 2010; Schmidt, McVaugh & Jacobi, 2007) e clínica (e.g. Demir, Karacetin, Demir & Uysal, 2011; Houck, Kendall, Miller, Morell & Wiebe, 2011; Natale, Kuhn, Siemer, Stöckle & Gontard, 2009). Num estudo de revisão de escalas que avaliam distúrbios afetivos experienciados em simultâneo com várias perturbações, onde incluíram a PHCSCS (Piers, 1984), Winters, Myers e Proud (2002) concluem que, para além das qualidades psicométricas dessas escalas serem adequadas, têm elevada eficiência e utilidade, na medida em que dão uma representação ampla do funcionamento dos indivíduos e possibilitam identificar uma série de sintomas de desordens internas, mediante a expressão de distúrbios afetivos e despiste de perturbações resultantes dessas desordens. Consentaneamente, Holmbeck et al. (2007) consideraram a PHCSCS-2 (Piers & Herzberg, 2002) uma referência central na avaliação do ajustamento psicossocial e de psicopatologia no âmbito da psicologia pediátrica.

Seja a nível da psicologia da educação ou da psicologia clínica, tanto a PHCSCS como a PHCSCS-2 têm sido utilizadas no estabelecimento de relações entre o autoconceito e outros fatores intervenientes no funcionamento biopsicossocial do indivíduo como, por exemplo, a depressão (Demir et al., 2011), o défice de atenção e hiperactividade na presença de depressão e ansiedade (Houck et al., 2011), a qualidade de vida (Natale et al., 2009), a obesidade e os comportamentos alimentares (Hahn-Smith & Smith, 2000).

A PHCSCS-2 (Piers & Herzberg, 2002) tem sido amplamente utilizada, reforçando esses estudos as suas qualidades psicométricas e validade. A nível internacional a escala tem sido aplicada em diversas investigações envolvendo:

- Aspectos específicos do autoconceito (e.g. a diferenciação quanto ao género nos seis domínios do autoconceito na tese de Willean, 2011);
- Relações entre o autoconceito e outras variáveis na área da psicologia da educação (e.g. Holder & Coleman, 2007, em que os relacionamentos sociais se verificaram significativamente correlacionados e preditores da felicidade; Robertson, 2011, que verificou diversas correlações entre o autoconceito e as atitudes na escola);
- Avaliação de programas de intervenção (e.g. Rousseau, Drapeau, Lacroix, Bagilishya & Heusch, 2005; Conant, Morgan, Muzykewics, Clark & Thiele, 2008; Oriel, George & Blatt, 2008);
- Aplicação em sujeitos com necessidades educativas especiais (e.g. Remine, Care & Grbic, 2009; Buckroy & Flitton, 2004); e
- Validação para populações específicas para além das norte americana e europeias (e.g. Flahive, Chuang & Li, 2011, que concluíram a adequabilidade e boas propriedades psicométricas da versão chinesa).

Na área da psicologia clínica têm sido exploradas relações entre o autoconceito e outras variáveis internas e contextuais em populações com problemáticas específicas (e.g. ansiedade e depressão em crianças e jovens epileticos, no estudo de Hamiwka et al., 2009), possibilitando, inclusivamente, que a utilização da PHCSCS-2 seja aconselhada na avaliação psicológica de crianças e jovens envolvidos em inquéritos judiciais em situações de violência doméstica (Geffner, Conradi, Geis & Arande, 2009).

Atendendo à importância dos resultados obtidos, salientam-se os estudos de:

- Lee, Hamiwka, Sherman e Wirrell (2008), envolvendo crianças com epilepsia, em que o autoconceito se mostrou fortemente associado ao funcionamento familiar, sendo considerados os restantes fatores específicos da epilepsia como tendo mínima importância, à exceção do número de drogas antiepiléticas tomadas; e de

- Saigh, Yasik, Oberfield e Halamandaris (2008), que verificaram que as crianças com stress pós-traumático evidenciaram níveis significativamente mais baixos em cinco dos seis domínios da PHCSCS-2 e que a exposição ao trauma não foi associado a baixo nível de autoconceito, na ausência de stress pós-traumático.

A nível nacional a utilização da PHCSCS-2 (Veiga, 2006, 2012) foi ampla, tendo sido aplicada no âmbito da psicologia da educação (e.g. Bilimória, 2010; Manata, 2011), da psicologia clínica (e.g. Clemente, 2008; Rodrigues, 2011) e na avaliação de programas de intervenção (e.g. Bilimória, 2011; Gomes, 2011), incluindo sujeitos de populações específicas (e.g. alunos com dificuldades de aprendizagem na tese de Clemente, 2008; Adolescentes em acolhimento institucional, no estudo de Nunes, 2010; Alunos com necessidades educativas especiais incluídos na amostra de Ribeiro, 2010). Também foi analisada a diferenciação no autoconceito em crianças com e sem irmãos (Santos, 2010).

O autoconceito foi relacionado com diversas variáveis pessoais e contextuais, escolares e extracurriculares, tais como: Percepção do ambiente psicossociológico da sala de aula, a disrupção escolar e o sucesso académico (e.g. Paiva, Da Rosa & Lourenço, 2010; Paiva & Lourenço, 2010, 2011); Comportamentos disruptivos (Clemente, 2008); Relações de sociabilidade (Ribeiro, 2010); Motivação e métodos de estudos (Bilimória, 2010); Atitudes face à leitura (Manata, 2011); Construção de projetos de vida de cidadania ativa (Gomes, 2011); Comportamento alimentar e obesidade (Rodrigues, 2011).

Salientam-se os estudos de Paiva et al. (2010) e de Paiva e Lourenço (2010, 2011) que estudaram o papel explicativo do autoconceito — influenciado pelas variáveis sexo, ano de

escolaridade, número de reprovações, horas de estudo e metas escolares —, nas notas de Língua Portuguesa e Matemática. No modelo de Paiva et al., mediando o autoconceito e as notas escolares foram avaliados os comportamentos disruptivos dos alunos, em Paiva e Lourenço (2010) foi estudada a mediação entre o autoconceito e as notas pelos comportamentos disruptivos e o ambiente psicossociológico da sala de aula. Paiva e Lourenço (2011) consideram necessária a posterior inclusão de outras variáveis que aumentem a variância explicada pelas variáveis internas no sentido de melhorar a capacidade explicativa do modelo.

Em concordância com Paiva e Lourenço (2011), não só se reafirma a necessidade de modelos explicativos que reflitam melhor a complexidade das dinâmicas escolares em estudo, com a integração de outras variáveis, como o esforço de construção e avaliação sistemática de modelos de funcionamento biopsicossocial de crianças e adolescentes em contexto escolar, que fundamentem uma conceptualização estruturante do autoconceito, entendido este para além de exclusivamente académico. Por exemplo, poderá entender-se ser pertinente a inclusão de variáveis como o envolvimento dos alunos na escola, constructo que poderá vir a ser incluído num modelo semelhante aos utilizados nos estudos de Paiva e Lourenço (2010, 2011) e de Paiva et al. (2010). Outro exemplo é a variável hábitos de leitura estudada por Manata (2011), visto esta se ter correlacionado significativamente no sentido positivo com os domínios comportamental e estatuto intelectual e escolar do autoconceito e negativamente com o domínio ansiedade.

Pertinência da PHCSCS VI-6

Apesar de uma notória abrangência de relações obtidas com os instrumentos PHCSCS, na grande maioria dos estudos a variável central não é o autoconceito, verificando-se, por isso, uma grande dispersão de evidências e dificuldades teóricas na articulação de resultados

para a construção de um quadro teórico evolutivo sólido em torno do autoconceito. Considera-se, por conseguinte, imprescindível a construção e avaliação sistemática de modelos explicativos, cujo centro seja a caracterização das relações que o autoconceito estabelece com outras variáveis em contextos tipo (e.g. escola, família, atividades de tempos livres, para crianças e adolescentes), numa perspectiva salutogénica do funcionamento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos. Entende-se, pelo exposto, ser pertinente efetuar a alteração do instrumento PHCSCS-2 no sentido de se promover a sua capacidade discriminativa e, desse modo, possibilitar uma melhor avaliação da relação estabelecida entre o autoconceito e outras variáveis. De acordo com evidências empíricas provenientes da avaliação de programas de intervenção (e.g. Bilimória, 2010; Holder & Coleman, 2007; Rodrigues, 2009; Ybañez, 2010), a maior estabilidade do autoconceito geral dificulta a avaliação de efeitos em programas de curta duração, sendo mais profícua a análise de relações entre os domínios específicos do PHCSCS-2 e outras variáveis. Por conseguinte, considera-se que uma maior capacidade discriminativa dos itens irá promover não só uma melhor capacidade e aprofundamento das relações estabelecidas com outras variáveis nos domínios específicos do autoconceito como possibilitar uma maior variabilidade na avaliação do autoconceito geral.

Método

Amostra

A amostra foi composta por 959 sujeitos adolescentes, de ambos os sexos, que frequentam o terceiro ciclo do ensino básico, especificamente, o sétimo e nono ano de escolaridade, em escolas públicas de meio urbano de diversas regiões de Portugal continental.

Instrumento

O PHCSCS V1-6 é uma nova versão do PHCSCS-2 de Veiga (2006) que mantém inalterada a formulação dos 60 itens já publicada. A pontuação de cada sujeito é calculada, tendo por base a atribuição do número de pontos correspondente às respostas selecionadas pelo sujeito — *discordo totalmente* (um ponto), *discordo muito* (dois pontos), *discordo* (três pontos), *concordo* (quatro pontos), *concordo muito* (cinco pontos) e *concordo totalmente* (seis pontos). Nos casos dos itens inversos deve proceder-se, em primeiro lugar, à inversão da escala e, posteriormente, à atribuição da pontuação conforme efetuado para os restantes itens. Por exemplo, ao item inverso “Crio problemas à minha família” será atribuído dois pontos para *concordo muito*. O instrumento contém também, como originalmente, itens para seleção de questionários com respostas inconsistentes e enviesadas, respetivamente: “Sou uma pessoa feliz” (Item 2) e “Sou infeliz” (Item 40); “Tenho dificuldades em fazer amizades” (Item 3) e “Tenho muitos amigos” (Item 41).

Procedimento

A aplicação dos questionários cumpriu os procedimentos legais, autorização do Ministério da Educação, e éticos, de voluntariado após consentimento informado. A sua aplicação ficou a cargo dos professores, ocorreu em tempo letivo e os sujeitos tiveram o tempo necessário para o seu preenchimento. Foram retirados da amostra os sujeitos que evidenciaram resposta enviesada ou falta de envolvimento.

Resultados

Para a validação da estrutura fatorial do PHCSCS V1-6, operou-se a análise de componentes principais com rotação varimax, que evidenciou a sua estrutura multidimensional, composta pelos fatores característicos deste instrumento — aspeto comportamental (AC), estatuto intelectual e escolar (EI), aparência e atributos físicos (AF), ansiedade (AN), popularidade (PO), satisfação e felicidade (SF) e autoconceito geral (PTOT).

Relativamente à percentagem total de variância explicada esta foi de 38.76, mantendo-se superior à alcançada na versão de Veiga (2006) em que a variância explicada se situou nos 34,02. Os coeficientes de fidelidade (alfa de *Cronbach*) na amostra total e por género mostraram-se adequados (Quadro 1), sendo mais elevados no autoconceito geral. Quanto à amostra total, os coeficientes estão próximos nas várias dimensões e com uma distribuição consistente com o número de itens utilizado para avaliar cada uma delas, atendendo à sensibilidade deste coeficiente ao número de itens. Comparativamente ao PHCSCS-2 em Veiga (2006), a fidelidade é superior.

Quadro 1 - Coeficientes de consistência interna do PHCSCS V1-6 na amostra total e por género

	AC	AN	EI	PO	AF	SF	PTOT
Amostra total	0.79	0.68	0.69	0.74	0.76	0.76	0.90
Masculino	0.78	0.62	0.68	0.71	0.72	0.71	0.88
Feminino	0.78	0.67	0.70	0.73	0.80	0.75	0.89

O estudo da validade externa do PHCSCS V1-6 compreendeu a análise das intercorrelações estabelecidas entre as pontuações nos seus fatores e a média das notas obtidas pelos alunos no final do ano letivo, às disciplinas de Matemática, Português, História e Ciências (Quadro 2), bem como entre, na totalidade e por dimensões, a PHCSCS V1-6 e o *Self-Concept as a Learner* [SCAL], constante de Veiga (2012), que avalia o autoconceito escolar (Quadro 3).

Os coeficientes obtidos são estatisticamente significativos e no sentido esperado, mas apenas em metade das situações consideradas, e mais elevados no estatuto intelectual e escolar. A correlação estabelecida entre o estatuto intelectual e as notas é superior no sétimo ano (Quadro 2).

Quadro 2 - Coeficientes de correlação entre os resultados no PHCSCS V1-6 e a média das notas

	AC	AN	EI	PO	AF	SF	PTOT
7º Ano	0.30**	-0.20*	0.49**	0.09ns	0.15ns	0.22*	0.35**
9º Ano	0.28**	-0.09ns	0.38**	0.01ns	0.18ns	0.16ns	0.18ns

Nota: * p<.01 ** p<.001 ns = não significativo

As correlações obtidas entre os dois instrumentos são, na generalidade, positivas e significativas. A correlação mais forte foi estabelecida entre o par confiança nas capacidades e estatuto intelectual, seguida pelo par motivação e estatuto intelectual. As intercorrelações estabelecidas entre as dimensões do SCAL e o autoconceito geral (PTOT) são positivas e em geral mais elevadas, confirmando a associação entre as escalas (Quadro 3).

Quadro 3 - Coeficientes de correlação entre os resultados no PHCSCS V1-6 e no SCAL

SCAL / PHCSCS V1-6	AC	AN	EI	PO	AF	SF	PTOT
Motivação	0.49**	0.33**	0.50**	0.28**	0.12*	0.33**	0.50**
Orientação para a tarefa	0.39**	0.03ns	0.50**	0.22**	0.18**	0.34**	0.41**
Confiança nas capacidades	0.25**	0.31**	0.58**	0.32**	0.31**	0.37**	0.50**
Relação com os colegas	0.24**	0.09*	0.44**	0.37**	0.28**	0.37**	0.43**

Nota: * p<.05 ** p<.001 ns = não significativo

Quanto às médias e desvios-padrão a nível do autoconceito geral na amostra total e nas partições por ano de escolaridade e género (Quadro 4), assim como em cada uma das dimensões do PHCSCS V1-6 (Quadro 5), verificam-se médias elevadas tanto no autoconceito

geral, na amostra total e por género, como nas várias dimensões do autoconceito, ocorrendo nestas uma maior diferenciação tanto por ano de escolaridade como por género.

Quadro 4 - Médias e desvios-padrão no autoconceito geral por ano de escolaridade e género

		7º		9º	
Género		M	DP	M	DP
PTOT	Masculino	257,76	30,91	249,20	33,40
	Feminino	254,01	30,03	244,54	32,06
	Total	255,82	30,48	247,08	32,80

Quadro 5 - Médias e desvios-padrão em cada dimensão na amostra total e nas partições por ano e género

Ano	Género	AC		AN		EI	
		M	DP	M	DP	M	DP
7º	Masculino	56.47	10.28	33.28	7.03	51.86	10.44
	Feminino	59.89	9.46	29.42	6.84	51.21	8.83
	Total	58.23	10.00	31.30	7.19	51.53	9.65
9º	Masculino	56.27	10.20	32.37	6.28	49.24	8.70
	Feminino	57.65	9.68	27.75	7.24	50.39	9.03
	Total	56.89	9.96	30.28	7.09	49.77	8.85

Ano	Género	PO		AF		SF	
		M	DP	M	DP	M	DP
7º	Masculino	45.64	7.60	32.19	8.64	39.89	5.61
	Feminino	45.27	7.37	30.94	7.04	39.26	5.81
	Total	45.45	7.47	31.53	7.85	39.57	5.71
9º	Masculino	44.06	7.04	30.65	7.60	38.28	6.27
	Feminino	43.16	7.13	29.10	7.87	38.10	6.78
	Total	43.65	7.08	29.95	7.74	38.19	6.49

Na generalidade, as médias são superiores no género masculino. No domínio comportamental os sujeitos do género feminino têm médias mais elevadas, tanto no sétimo como no nono ano. No domínio da ansiedade, as alunas do nono ano são as que têm média mais baixa, seguidas pelas alunas do sétimo ano. A satisfação-felicidade é o domínio com médias mais elevadas, tendo em conta que a pontuação máxima é de 48 pontos, sendo mais elevada nos alunos, dos dois géneros, do sétimo ano.

Quanto à variabilidade por ano de escolaridade, pode observar-se uma tendência de diminuição das médias do sétimo para o nono ano nas diversas dimensões. Como se constata, os valores em função do género apresentam, na generalidade alguma diferenciação, mais acentuada na ansiedade, que deverá ser, posteriormente, alvo de estudos de aprofundamento.

Discussão

O instrumento Piers-Harris Children's Self-Concept Scale tem sido, ao longo de décadas, recomendado na avaliação do autoconceito em qualquer âmbito da psicologia (e.g. educacional e clínica) com diversos fins (e.g. triagem, diagnóstico, avaliação de programas de intervenção). A aplicação do PHCSCS-2 a nível nacional tem sido abrangente, entendendo-se ser útil a sugestão dada por Veiga (2006), quanto à alteração da sua escala de dicotómica para concordância de um (*discordo totalmente*) a seis (*concordo totalmente*).

Em relação ao PHCSCS V1-6, os resultados obtidos mostram que esta versão tem qualidade psicométrica adequada, apresentando-se como uma melhoria face ao PHCSCS-2, tendo em conta que o PHCSCS V1-6 apresenta consistência interna mais elevada e maior diferenciação quanto ao género e ano de escolaridade. Em consonância com a literatura da área (e.g. Marsh, 2006, Veiga, 2012), os resultados por ano de escolaridade e género reiteram a importância da compreensão dos processos inerentes à evolução do autoconceito ao longo da adolescência, no sentido da ampliação da sua multidimensionalidade. Espera-se que em

futuras aplicações se possa aprofundar a compreensão desta diferenciação, tendo por base modelos em que o autoconceito seja considerado como variável central.

Referências

- Al Zyoudi, M. (2010). Differences in self-concept among student with and without learning disabilities in Al Karak district in Jordan. *International Journal of Special Education*, 25(2), 72-77. Disponível em <http://www.internationaljournalofspecialeducation.com/>
- Alsaker, F., & Kroger, J. (2006). Self concept, self-esteem and identity. In S. Jackson, & L. Goossens (Eds.). *Handbook of adolescent development* (pp. 90-117). London: Psychology Press.
- Alsaker, F., & Olweus, D. (2002). Stability and change in global self-esteem and self-related affect. In T. M. Brinthaupt, & R. P. Lipka (Eds.). *Understanding early adolescent self and identity: Applications and interventions* (pp. 193-223). Albany, NY: State University of New York Press.
- Antonovsky, A. (1984). A call for a new question - salutogenesis - and a proposed answer - the sense of coherence. *Journal of Preventive Psychiatry*, 2, 1-13
- Bilimória, H. (2009). *Promover o desenvolvimento cognitivo e o sucesso escolar: Construção e validação de um programa de treino cognitivo* (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho). Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/10459>
- Buckroyd, J., & Flitton, B. (2004). The measurement of self-concept in children with complex needs. *Emotional and Behavioral Difficulties*, 9, 131-139.
- Burns, J., & Christenberry, N. (1990). An evaluation of some self-concept scales for young children. Disponível em <http://www.eric.ed.gov/>
- Clemente, I. (2008). *Autoconceito e problemas de comportamento em crianças com dificuldades de aprendizagem* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/3079>
- Conant, K. D., Morgan, A. K., Muzykewics, D., Clark, D. C., & Thiele, E. A. (2008). A karate program for improving self-concept and quality of life in childhood epilepsy: Results of a pilot study. *Epilepsy & Behavior*, 12, 61-65.
- Craven, R. G., & Marsh, H. W. (2008). The centrality of the self-concept construct for psychological wellbeing and unlocking human potential: Implications for child and educational psychologists. *Educational and Child Psychology* 25, (2), 104-118.
- Demir, T., Karacetin, G., Demir, D., & Uysal, O. (2011). Epidemiology of depression in an urban population of Turkish children and adolescents. *Journal of Affective Disorders*, 134 (1-3), 168-176.
- Fahive, M., Chuang, Y., & Li, C. (2011). Reliability and validity evidence of the Chinese Piers-Harris Children's Self-Concept Scale scores among Taiwanese children. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 29(3), 273-285.
- Geffner, R., Conradi, L., Geis, K., & Aranda, M. (2009). Conducting child custody evaluations in the context of family violence allegations: Practical techniques and suggestions for ethical practice. *Journal of Child Custody*. 6(3), 189-218
- Gomes, A. (2011). *Desenvolvimento vocacional e intervenção social na adolescência: Projecto Bússola* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro). Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/7176>

- Guay, F., Marsh, H. W., & Boivin, M. (2003). Academic self-concept and academic achievement: A developmental perspective on their causal ordering. *Journal of Educational Psychology, 95*(1), 124-136.
- Hahn-Smith, A., & Smith, J. (2001). The positive influence of maternal identification on body image, eating attitudes, and self-esteem of Hispanic and Anglo girls. *International Journal of Eating Disorders, 29* (4), 429-440.
- Hamachek, D., (1995). Self-concept and school achievement: Interaction dynamics and a tool for assessing the self-concept component. *Journal of Counseling and Development, 73*, 419 - 425.
- Hamiwka, L. D., Yu, C. G., Hamiwka, L.A., Sherman, E. M., Anderson, B., & Wirrell, E. (2009). Are children with epilepsy at greater risk for bullying than their peers? *Epilepsy & Behavior, 15* (4), 500-505.
- Harter, S. (1998). The development of self-representations. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology, 3, Social, emotional, and personality development* (5^a ed.). New York: Wiley.
- Harter, S., & Marold, D. (1994). Psychological risk factors contributing to adolescent suicidal ideation. *New Directions for Child Development, 64*, 71-91.
- Holder, M., & Coleman, B. (2009). The contribution of social relationships to children's Happiness. *Journal of Happiness Studies, 10*, 329-349. doi:10.1007/s10902-007-9083-0
- Holmbeck, G., Thill, A., Bachanas, P., Garber, J., Miller, K., Abad, M., & Bruno, E. (2008). Evidence-based assessment in psychology: Measures of psychosocial adjustment and psychopathology. *Journal of Pediatric Psychology, 33*(9), 958-980.
- Houck, G., Kendall, J., Miller, A. Morrell, P. & Wiebe, G. (2011). Self-concept in children and adolescents with attention deficit hyperactivity disorder. *Journal of Pediatric Nursing, 26*(3), 239-247.
- Kenny, M., & McEachern, A. (2009). Children's self-concept: A multicultural comparison. *Professional School Counseling, 12*(3), 207-212.
- Lee, A., Hamiwka, L., Sherman, E., & Wirrell, E. (2008). Self-concept in adolescents with Epilepsy: Biological and social correlates. *Pediatric Neurology, 38*(5), 335-339.
- Manata, E. (2011). *Atitudes dos jovens face à leitura e a si próprios: Um estudo com alunos do 7.º e 9.º ano* (Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/5684>
- Markus, H., & Kunda, Z. (1986). Stability and malleability of the self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*(4), 858-866.
- Marsh, H. W. (2006). *Self-concept theory, measurement and research into practice: The role of self-concept in educational psychology*. Leicester, UK: British Psychological Society.
- Marsh, H., & Köller, O. (2004). Unification of theoretical models of academic self-concept /achievement relations: Reunification of East and West German school systems after the fall of the Berlin Wall. *Contemporary Educational Psychology, 29*, 264-282.
- Murray, C., & Greenberg, M. (2001). Relationships with teachers and bonds with school: Social emotional adjustment correlates for children with and without disabilities. *Psychology in the Schools, 38*, 25-41.
- McCoy, S., & Banks, J. (2010). Simply Academic? Why children with special educational needs don't like school? *European Journal of Special Needs Education, 27*(1), 81-97.
- Natale, N., Kuhn, S.; Siemer, S., Stöckle, M., & von Gontard, A. (2009). Quality of life and self-esteem for children with urinary urge incontinence and voiding postponement. *The Journal of Urology, 182*(2), 692-698.

- Nunes, M. (2010). *Auto-conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/2791>
- Oriel, K., George, C., & Blatt, P. (2008). The impact of a community based exercise program in children and adolescents with disabilities: A pilot study. *Physical Disabilities: Education and Related Services*, 27(1), 5-20.
- Paiva, M., Da Rosa, V., & Lourenço, A. (2010). Variáveis explicativas do sucesso escolar: Um estudo no 3º ciclo do ensino básico. *Revista da faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 7, 378-390.
- Paiva, M., & Lourenço, A. (2010). Comportamentos disruptivos e sucesso académico: A importância de variáveis psicológicas e de ambiente. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 2(2), 18-31.
- Paiva, M., & Lourenço, A. (2011). Rendimento académico: Influência do autoconceito e do ambiente de sala de aula. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 393-402.
- Parker, A. (2010). A longitudinal investigation of young adolescents' self-concepts in the middle grades. *Research in Middle Level Education*, 33(10), 1-13.
- Piers, E. V. (1984). *Manual for the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (The Way I Fell About Myself)*. (2ª edição). Tennessee: Counselor Recording and Tests.
- Piers, E.V., & Harris, D. (1964). Age and others correlates of self-concept in children. *Journal of Educational Psychology*, 55(2), 91-95.
- Piers, E. V., & Herzberg, D. (2002). *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (2ª ed.)*. Wilshire Boulevard, CA: Western Psychological Services.
- Remine, M., Care, E., & Grbic, M. (2009). Deafness, teacher-of-the-deaf support and self-concept in Australian deaf students. *Deafness and Education International*, 11(3), 116-131.
- Ribeiro, C. (2010). *Relações de sociabilidade, entre adolescentes, em contexto escolar* (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti). Disponível em <http://purl.net/esepef/handle/10000/369>
- Robertson, J. (2011). *Advanced learner perceptions of psychological well-being and school satisfaction in two educational settings* (Doctoral Dissertation, College of William and Mary). Obtido em <http://www.eric.ed.gov/>
- Rodrigues, E. (2011). *O Comportamento alimentar, o autoconceito e a obesidade infantojuvenil* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/17810>
- Rousseau, C., Drapeau, A., Lacroix, L., Bagilishya, D., & Heusch, N. (2005). Evaluation of a classroom program of creative expression workshops for refugee and immigrant children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 180-185.
- Saigh, P., Yasik, A., Oberfield, R., & Halamandaris, P. (2008). The self-concept of traumatized children and adolescents with or without PTSD. *Behaviour Research and Therapy*, 46 (10), 1181-1186.
- Santos, A. (2010). *O autoconceito em crianças com e sem irmãos* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/1894>
- Schmidt, M., McVaugh, B., & Jacobi, J. (2007). Is mentoring throughout the fourth and fifth grades associated with improved psychosocial functioning in children? *Mentoring & Tutoring: Partnership in Learning*, 15(3), 263-276.
- Shavelson, R. J., Hubner, J.J., & Stanton, G.C. (1976). Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46, 407-441.

- Swain, R., & Wayman, J. (2004). Multidimensional self-esteem and alcohol use among mexican american and white non-latino adolescents: Concurrent and prospective effects. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74, 559-570.
- Veiga, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Psicologia e Educação*, 5(1), 39-48.
- Veiga, F. H. (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. (3ª ed.). Lisboa: Edições Fim de Século.
- Willean, M. (2011). *Sex and age differences across domains of self-concept among alternative school students* (Doctoral dissertation). Disponível em ProQuest Dissertations and Theses database (<http://udini.proquest.com/view/sex-and-age-differences-across-pqid:2542389221/>).
- Winters, N., Myers, K., & Proud, L. (2002). Ten-year review of rating scales, III: Scales assessing suicidality, cognitive style, and self-esteem. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 4, 1150-1181.
- Ybañez, K. (2010). Effects of an anxiety reduction classroom guidance intervention for elementary students. *New York State School Counseling Journal*, 7(2), 40-49.